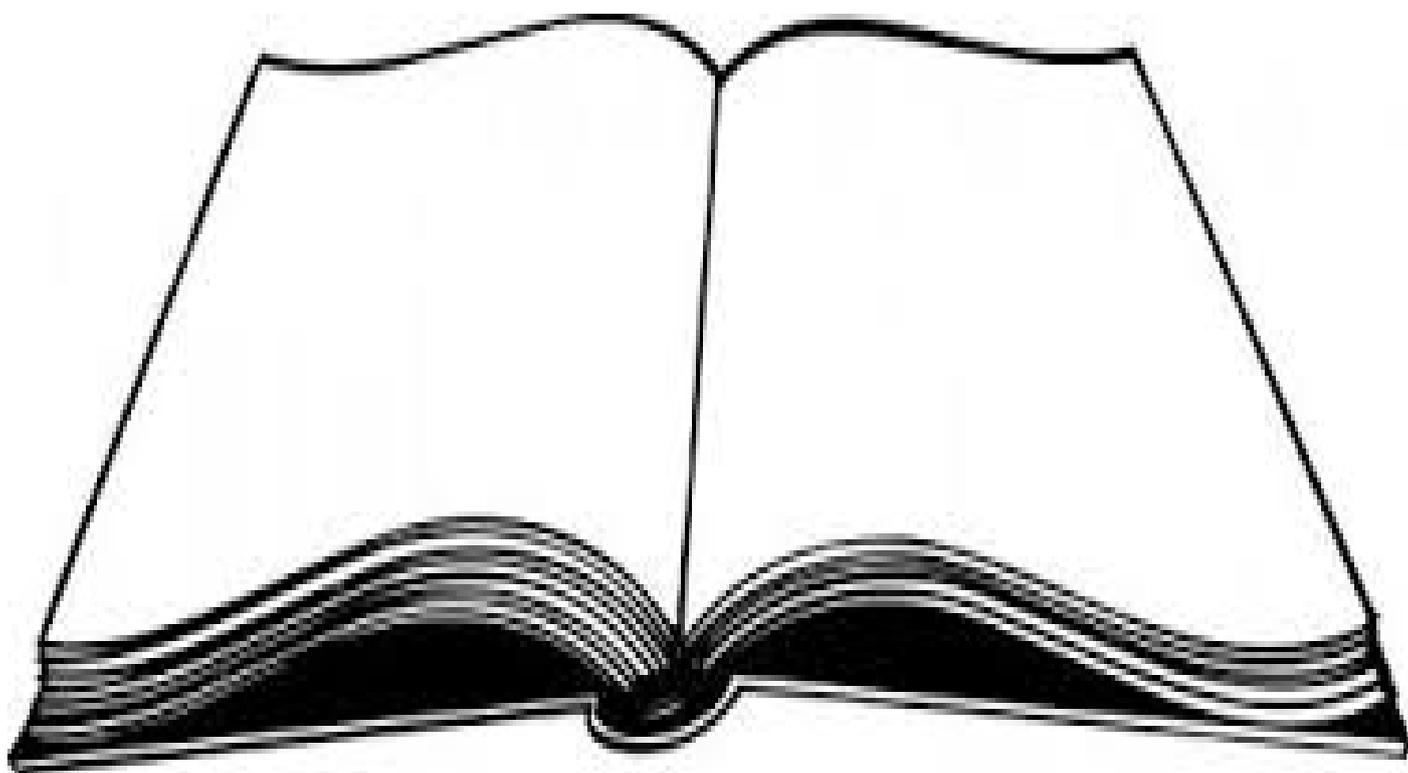


Contos e outros pontos

Marina Oliveira



Sumário

Apresentação	3
Boas maneiras	5
Tic Tac	6
Carteira recheada	7
Diminuindo pontos	9
Morada	10
Espelho, espelho meu	13
Odiai o próximo como a ti mesmo	14
Da imagem ao verbo I	15
Da imagem ao verbo II	16
Viagem	17
O bordel	18
O inferno	19
O sexo dos anjos	20
Parte II: luzes, câmera, redAÇÃO	23
O dia em que faremos contato	24
Biografia	31

Apresentação

Há quem diga que escrever é arte. Outros, que é puro treino. Não importa. No fim das contas o que se quer mesmo é atingir o leitor. Em cheio. No peito. Leitura fatal e irremediável.

A literatura é dessas amantes quietas que vem cheia de dengo. Às vezes, anuncia no título sua força e sua intenção. Outras, vem tímida sem mostrar muito propósito de ser, mas aí o mocinho não termina com a mocinha no final da historia e então você é pego tão de surpresa que se apaixona pelo inusitado. E, como todo apaixonado que se preze, sai por aí falando do seu amor até cansar o ouvido alheio.

Durante a historia o maior desejo é que percamos a noção do tempo, de quem somos e dos planos que tínhamos para o futuro. Queremos nos perder e nos reencontrar no fim de cada conto, de cada narrativa diante dos nossos olhos inquietos. Queremos acumular paixões literárias. Por personagens, estilos narrativos, lugares, autores, historias. Ah, as historias...

O que todos nós queremos é sempre o mesmo: uma paixão arrebatadora, pra nos fazer sonhar dia após dia com aquele enredo maravilhoso e singular e dizer até cansar 'como se encaixa com a minha vida. Parece que eu estava ali. Que eu vivi aquilo'. Eu sei, eu também.

Porém, para ter o peito atacado por essa locomotiva, advirto-lhes que é preciso certo preparo: um local silencioso, uma poltrona confortável, um corpo desperto e uma xícara da sua bebida favorita. Mas, não há problema algum se o seu local for uma estação de metrô lotada, em um banco de pernas bambas, no fim de um dia exaustivo de trabalho e no calor insano da cidade grande. Quando for pra ser amor - ainda que literário - será. E você não poderá resistir. Entregue-se e aproveite. Que seja infinito enquanto durem as linhas.

Boa leitura!

Boas maneiras

- E aí, Flávia? Viu o jogo do Sport ontem? Aquele gol estava impedido, tava na cara!

- Fala baixo, criatura. Quer que a gente vá pra direção outra vez?

A verdade é que Laura já estava acostumada a sentar na cadeira do diretor e ouvir um sermão sem fim sobre educação, boa conduta, respeito e bons modos. Era um blábláblá sem fim sobre um assunto que ela achava tão normal quanto os outros: futebol. Por que não podia falar sobre isso? Era uma escola, não era? Não deveria ser um espaço para discussões e debates? Deveria, mas a verdade é que ninguém ali estava preparado pra isso. É 2015, mas esse tipo de assunto continua sendo tabu.

Laura até já tinha decorado o discurso do diretor. Começava com um “não são todos os pais que conversam com os filhos sobre futebol, filmes e livros feito os seus”. No meio do falatório aparecia um “eu sei que você foi criada diferente, mas precisa ter um pouco mais de cuidado com os outros alunos”. O discurso se encerrava com um inútil aviso: “você precisa entender que nem todo mundo teve a mesma educação aberta que você teve, que tem muitos pais muito conservadores que não toleram esse tipo de assunto”.

E era uma puta de uma hipocrisia no fim das contas. No bar, se alguém resolvesse falar sobre a incrível transa que teve antes de chegar, na hora já surgia o comentário “ih, lá vem o chato com o papo de casa. Isso eu falo com meus pais, porra. Aqui é literatura, cara. Pra relaxar”. Se alguém quisesse falar de sexo ou de maconha, acabava falando sozinho. No bar, o lar dos assuntos proibidos, sexo não tinha vez. Ali era o santuário dos perversos: os viciados em esporte.

Em casa, Laura passou pela difícil fase do “mãe, como vivem os escritores?” sem nenhum problema. Realmente sua criação foi muito mais aberta do que a maioria das pessoas da sua idade contavam receber no intervalo das aulas. No fundo, ela sentia um pouco de pena das outras pessoas que não podiam discutir o que quisessem em casa ou em qualquer ambiente. Aquilo não fazia o menor sentido: cinema, livros e futebol, para ela, eram tão essenciais na vida de um ser humano quanto sexo e uso de maconha.

Um dia, na saída da aula, um menino resolveu acompanhá-la até em casa. Durante o caminho, perguntou se ela não podia treinar o time de futebol dele durante uma semana. “Eu pago”, ele disse. O susto foi tão grande por ser abordada dessa forma que Laura só soube correr até desabar na calçada em frente a sua casa. “Juizinha de merda”, ele gritou. Chorou uma semana inteira depois daquele dia.

Nos encontros com amigos, Laura era venerada. Ninguém sabia mais de impedimento, cobrança de falta e regras da Champions League do que ela. Se deixassem, falava por horas sobre o mesmo assunto, divertindo-se com a cara de espanto e os risos envergonhados dos amigos, ainda que alguns parecessem desconfortáveis com a situação e ela tivesse que ouvir aquela típica frase:

- Eu, hein? Parece que a tua mãe não te deu educação.

Tic Tac

Faz calor. Tenho certeza que muito mais que quarenta graus. Embaixo dessa camisa eu sinto escorrer gotas infinitas de suor pela minha pele. Todas elas percorrem o meio das minhas costas na mesma velocidade que eu tento correr para chegar em casa agora. Mas, puta merda, faz muito calor e vejo todo mundo suando e fico me perguntando por que ainda assim não tiramos as roupas, não desabotoamos os ternos e não paramos na sombra. Só continuamos correndo como se os relógios pudessem derreter dos pulsos, cair no chão e ir embora pelos bueiros.

Relógios derretendo... Derreteria o meu se pudesse, assim ele não mostraria todo o tempo que eu perco em Salvador tentando chegar a algum lugar que não sei se vale o esforço. Estou suando tanto que chega a coçar embaixo da pulseira do relógio. Eu deveria tirá-lo e colocar dentro do bolso pra não ter que ver os ponteiros correndo mais do que minhas pernas para tentar chegar em casa. Poderia tentar chegar à praia, ver o nascer do sol ou só ficar por lá, mas o relógio não deixa e o calor me enfurece. Caralho, pareço ter saído do banho e me enfiado em uma roupa igualmente úmida. Faz muito calor e sinto meus pés suando dentro do sapato. Odeio quando meus pés ficam quentes. Odeio.

O termômetro na rua marca 46 graus. Eu disse que essa merda já tinha passado dos quarenta. É impossível viver assim. Em Salvador ou dali alguns quilômetros, com a vida derretendo desse jeito não tem cidadão que agüente esse inferno na Terra. Não dá, não consigo mais, daqui a cinqüenta metros eu juro que tiro a roupa e vou pra casa pelado. Se bem que assim quem vai derreter sob o sol sou eu e talvez não seja uma boa ideia. E por que não venta nessa cidade? Isso é um forno, tem suor até embaixo do meu bigode!

A temperatura infernal persiste muito mais do que a minha memória consegue lembrar das persistências dos dias quentes por aqui. Faz tanto calor que o asfalto parece espelho, é um deserto na cidade. E nada de aparecer um oásis. Será que dá pra fritar um ovo no meio da rua? É só calor e tudo derrete. Minha paciência derrete. Meu tempo derrete e sinto que meu bigode também. Isso tudo não pode ser verdade, é surreal demais pra que eu consiga acreditar.

Faz muito calor, e eu ainda preciso chegar em casa.

Carteira Recheada

Cheguei no hotel Sunrise às sete e meia da noite. Esse era o terceiro cliente do dia e eu já estava exausta. No verão, qualquer atividade física já era suficiente para um corpo derretendo em suor e o meu mau humor atingir níveis tão altos quanto os termômetros meteorológicos. Nem sempre eu contava com a sorte de encontrar um quarto com ventilação adequada. E ainda dizem que ser puta é fácil.

Quarto 406. “Ótimo, subir quatro andares de escada. Como se eu já não tivesse exercitado minhas pernas o suficiente hoje”. O primeiro do dia foi um cliente antigo: chegou de viagem e logo mandou um bilhete para a Casa, pedindo para que eu o encontrasse no hotel de sempre. Era um senhor velho, barbudo e gordo. Muito simpático e dava ótimas gorjetas no final. Se incluísse sexo anal, eu podia ficar tranquila que teria um ótimo pagamento. A desvantagem, principalmente no calor, é que ele suava muito e quando ficava por cima, as gotas de suor caíam pelo meu rosto. E eu ainda tinha que fazer cara de excitada com esse banho não programado!

O segundo foi minha maior alegria quando vi: alto, moreno, um sorriso lindo e um terno bem cortado. Por que um homem desses precisaria de uma prostituta? Aí vem um fetiche muito estranho ou um cara broxa. Acertei quando pensei no fetiche: ele gostava de se vestir de mulher! Tive que dar opiniões sobre a moda, aconselhar qual o melhor vestido para que ele parecesse muito feminino, apesar do rosto quadrado e da barba que despontava no maxilar. Durante o sexo – sim, porque vestir-se de mulher não garantia que ele fosse gay – ele gemia alto e batia na parede com as mãos. De todas as reações que eu já vi, essa era uma das mais comuns quando os homens se permitiam ser aquilo que eles sempre foram: bichos ferozes e sem domesticação alguma. *Roar.*

Sobre o terceiro que estava me esperando agora, eu não sei quase nada. Sei que pagou três vezes o valor por uma única exigência: ele determinaria a hora de acabar. Como eu estou louca querendo comprar o novo vestido da Chanel, preciso trabalhar até que minhas pernas não aguentem as quicadas frenéticas que meus clientes me exigem – minha marca registrada, devo dizer. Era comum que me escolhessem pelo meu cabelo ruivo, mas não foi o caso: a única coisa que recebi como instrução foi: surpreenda. Tentei arrancar algumas outras informações. Era homem? Mulher? Velho? Novo? Por favor me digam que não era um antigo cliente conhecido por gozar em três segundos! Nada. Informação alguma, só um sorriso meio besta se divertindo com a minha dúvida e minha enorme curiosidade. É que não ser curiosa não é bem um dos pré-requisitos do meu trabalho.

E assim eu vim; vestido branco angelical, um chapéu sofisticado e um corset por baixo do vestido. Sem nenhuma outra lingerie.

Porta 406. Apaguei todas as lembranças daquele dia, ajeitei o chapéu levemente inclinado, sorri e bati na porta.

- Oi, Summer. Bem-vinda. Entre, por favor .

[...]

Já é onze da manhã e faz sol. O vento refresca meu corpo ainda quente. Paro na escada em frente ao hotel por alguns segundos, suficiente para puxar e soltar o ar bem devagar depois de horas de trabalho. Não posso demorar muito, o dia mal começou e já tem muito trabalho pela frente. Como ouvi de uma das garotas uma vez: esse bumbum não vai fazer um milhão de dólares sozinho. *Work, girl.*



SUMMER - EDWARD HOPPER

Diminuindo pontos

Ok, me conta uma historia aí

Ela apareceu, primeiramente ao longe, depois diante dele, iluminada pelo sol quente, exposta à maravilha acetinada dos olhos azuis dele. Aqueles olhos azuis eram a dádiva que sua mãe havia lhe concedido, a única riqueza de uma linhagem familiar pobre e ignorante. Por algum momento ele se lembrou da antiga namorada: Laura. Eles haviam se conhecido em um parque quando ela, quase em câmera lenta, passeava com o cachorro. Não havia durado muito, logo Laura mudou-se para outra cidade, outro interior e deixou-o ali, pastando a saudade e a fome de ser sozinho. Talvez naquele dia, sob a testemunha do sol, as coisas pudessem ser diferentes e ele terminasse de ruminar os dias. Por isso demorou-se com os olhos azulados sobre ela. Ele viu que os cabelos encobriam metade das orelhas dela e, puxados para trás, desnudando na risca da testa a brancura do couro cabeludo, revelavam a maciez da face, intocada, de extrema delicadeza. Nas proximidades das orelhas caíam soltas algumas mechas de cabelo preto, de um escuro fossilizado pelo tempo, carvão. Ela, pensou demoradamente, assemelhava-se a uma ave marinha, uma ave encantada. Devagar e lenta, a mulher andou em direção à praia, de onde ele a observava, enquanto outras pessoas brincavam e pulavam na areia dourada do meio-dia. Com muita demora e sedução, os dois cruzaram os olhares e sentiram, debaixo do calor, a primeira e grande febre do amor, uma febre que poderia durar tanto quanto havia multiplicidade de grãos na areia.

Hum... não tem um resumo?

Ela apareceu diante dos olhos dele. Demorou-se com o s olhos sobre ela. Ela, pensou, parecia uma ave marinha, encantada. Devagar, a mulher andou em direção à praia, de onde ele a observava. Com demora e sedução, os dois sentiram a primeira e grande febre do amor.

Não. Um resumo resumo mesmo. Daqueles que pá!

Na praia, cruzaram olhares. Sentiram a primeira grande febre do amor.

Isso aí! Valeu



Morada

Quando já se passaram onze anos desde o seu nascimento e boa parte desse tempo foi vivido dentro de um hospital, você já pode admitir pra si mesmo que aquele lugar é sua segunda casa. Os enfermeiros reconhecem cada mudança que o tempo fez no seu corpo e perguntam quando – finalmente – você vai trazer seu amigo imaginário pra fazer uma visita ao pessoal do hospital (porque é claro que se esse amigo fosse real, ele já teria feito uma visita, não?).

Era julho e chovia quando, depois do almoço, eu voltava com a minha mãe para o meu quarto no Infantil, como era conhecido o hospital destinado a crianças, para terminar o meu tratamento. Minha mãe sempre morreu de medo que eu pegasse chuva e ficasse ainda mais doente.

- Vou te deixar ali embaixo pra não tomares um banho de chuva. Entra por aquela porta de vidro e vai pro quarto. Eu já te encontro lá.

Céus, como eu odiava andar por lugares estranhos sozinha. Parecia que a qualquer momento apareceria alguém para me levar embora e eu nunca mais veria a minha mãe.

Entrei pela primeira porta que vi. Era uma porta comum, diferente das outras de vidro que tem pelo hospital. Ali dentro as coisas eram ainda mais diferentes do ambiente que eu conhecia: as paredes eram finas e os corredores estreitos. Fazia um silêncio sepulcral e o ar parecia difícil de circular.

Diminuí o passo.

Aquele lugar definitivamente era muito estranho. Era um corredor que dobrava para todos os lados sem ter uma porta sequer além da porta de entrada. Parecia um labirinto. Quanto mais eu andava, mais silêncio fazia e mais pressa eu tinha para chegar ao meu quarto. Minha mãe ia acabar chegando antes de mim e, se não me visse lá dentro, ficaria muito preocupada.

O estreito corredor finalmente chegou a algum lugar, mas quando vi desejei que não tivesse chegado a lugar algum. Era uma sala repleta de simples caixões de madeira. Sem tinta, sem cruz e sem parecer com nada do eu já tinha visto em filmes e novelas. Pelas quatro paredes daquela sala horrível, caixões abertos ou fechados se encostavam nas paredes, em um repouso sereno. Bem na minha frente havia uma mesa com um caixão aberto, e aquele caixão era pequeno. Definitivamente não era para um adulto, parecia ter sido feito para alguém de 10 ou 11 anos. Aos meus olhos de menina, aquele caixão tinha exatamente o meu tamanho.

Aquela foi a primeira vez que eu me dava conta que as pessoas morriam ali. Por erros médicos, por doenças sem cura, pelo tempo que se arrasta. Simplesmente morriam e vinham parar ali, dentro daqueles caixões de madeira estilo desenho animado para um corpo desanimado. Sem flores, nem renda ou espuma, aquelas caixas eram preenchidas com crianças das mais diferentes classes e idades, como assim se seguiu por toda a minha vida, sem que eu pudesse esquecer aquela tarde de julho.

Se eu pudesse, escolheria estar em um daqueles caixões agora, onde a tampa era leve e fácil de tirar, bem diferente do caixão em que estou agora. A maldita tampa não se move e o caixão não se abre. Nunca mais.

Espelho, espelho meu

Existe alguém...

Já passava das oito da manhã quando Cátia, a mãe de Marcela, entrou no quarto e escancarou as janelas.

- Marcela, levanta que hoje não pode atrasar pra aula. Que merda, agora preciso te chamar todos os dias, é? Virou criança?

A mãe não era uma das pessoas mais pacientes do mundo. Nem o pai. Muito menos os vizinhos. Talvez o problema estivesse em Marcela. Seu corpo causava repulsa, ela já ouviu dizer. Quando tinha 6 anos, uma vela caiu sobre ela enquanto dormia e, até que a mãe aparecesse para socorrer-la, já tinha queimado metade do corpo. Do lado esquerdo da cabeça, o cabelo e a sobrancelha não cresciam, além das cicatrizes que ela tinha que carregar para sempre. Do trauma, além do óbvio medo do fogo, Marcela desenvolveu manias como roer as unhas compulsivamente e soprar um ar fraco para apagar uma vela que não existe mais.

Acidentes como esse geralmente causam comoção e são motivo de pena. Ali, naquela pequena cidade no interior do Paraná, só causava o riso. As pessoas achavam graça nas unhas roídas que frequentemente sangravam e em Marcela estar sempre com “bico de pato”, apelido que ganhou aos oito anos no colégio e que a persegue.

Era dia de tirar foto para o álbum da formatura. “Eternizar a minha feiura pra sempre junto com todos os rostos bonitos”, pensou Marcela ao acordar. Achou que talvez pudesse fingir estar doente e não ir para o colégio, mas certamente a mãe a expulsaria de casa aos pontapés. Abrir as janelas e gritar foi uma das reações mais suaves de Cátia.

Viu seu rosto no espelho do banheiro. Pensou em desenhar a sobrancelha esquerda com lápis de olho. “Uma merda”, pensou quando viu o resultado. Cobriu a cabeça com um lenço colorido e saiu de casa.

...Mais bonita...

Talvez não sair de casa, esconder-se embaixo da cama, tivesse sido uma ideia mais sensata. Por baixo das vozes gritantes e estridentes das meninas, maquiadas e animadas para a foto oficial, Marcela ouvia “ela vai ficar ridícula como sempre”, “talvez se usasse uma máscara de pato ficaria melhor”, “credo, que lenço cafona”. Quando o ônibus estava quase chegando, um dos meninos puxou seu lenço e arremessou pela janela. O riso foi geral, acompanhando da imitação do som dos patos e algumas danças animais animadas no corredor. Ouviu de Antônia, a menina mais bonita e desejada do colégio, um conselho: “deveria ter ficado em casa, Bico de Pato. Ninguém é obrigado a ver a sua cara no álbum pra sempre”.

Era impossível conter os alunos durante a sessão de fotos. A diretora e o fotógrafo já estavam impacientes com os mais de 60 alunos falando alto e agitados na sala. Quando chamaram Marcela, a garota foi empurrada até o holofote. As piadas eram ditas cada vez mais alto – ou pelo menos pareciam ser – e Marcela não conseguia ouvir uma única palavra que a diretora ou o fotógrafo diziam.

- Alguém pode, por favor, tirar esse pato daqui?

- Não dá, diretora. Ela já tá matriculada.

...Do que eu?

Marcela passou o resto da manhã dentro do banheiro feminino. Os alunos foram liberados cedo e ela decidiu que só sairia de lá depois que todos fossem embora. Preferia ir embora a pé e não almoçar do que aguentar mais comentários e piadas idiotas.

Já passava de uma da tarde quando ouviu a porta do banheiro abrir. Era a voz de Antônia.

- Não, mãe, eu não vou para casa hoje à tarde. Combinei de encontrar as meninas no cinema às quatro. Vou ficar na biblioteca e depois vou pra lá. Só chego em casa depois das oito, tá? Beijo.

Quando viu o reflexo de Marcela no espelho, Antônia levou um susto e deixou seu estojo de maquiagem cair.

- Ave Maria, Boca de Pato. Quer me assustar? Se bem que com essa cara nem precisa muito, né? Você deve ter se sentido horrível hoje durante as fotos. Imagina: esse seu rosto bizarro do lado do meu. Que nojo.

Marcela estava com as mãos sobre a pia, tentando ignorar a voz de Antônia, mas hoje realmente não era um bom dia para ter saído da cama.

- Sabe, Torradinha, eu não sei até hoje como que você não se matou, sabia? Porque eu, no seu lugar, já teria me matado. Não ia aguentar olhar essa cara horrível no espelho todos os dias. Não estou nem comentando seu cabelo porque hoje eu estou de bom humor. Vou sair com o Guto. Você nem deve saber o que é isso, né? Sair com alguém. Mas não desanima não. Um dia pode ser que apareça uma aberração igual você aí vocês podem se amar. Se bem que... Talvez nem as aberrações queiram beijar sua boca de pato.

A raiva tomou conta de Marcela. Segurou os cabelos ruivos de Antônia e bateu com força a cabeça da garota contra o espelho. Uma, duas, três, quatro vezes. O espelho quebrou e o sangue de Antônia escorria pelo azulejo branco. As batidas foram tão fortes que Antônia desmaiou.

Quando percebeu que Antônia estava desacordada, Marcela soube o que precisava fazer: pegou um caco de vidro do chão e, pacientemente e com um enorme prazer, fez o primeiro corte na bochecha da garota. O sangue quente escorria pelos dedos, o que lhe dava mais alegria.

Continuou cortando. Um corte no lábio, outro na orelha, mais um na bochecha, vários pela cabeça, na mão direita, e outros dois bem desenhados e caprichados nas duas sobrancelhas.

Lavou as mãos na pia e fez uma trança nos seus cabelos. Sorriu, como não lembrava sorrir há anos.

Do chão, Marcela pegou o batom que Antônia tinha deixado cair e escreveu na parede com letras garrafais: R E T A L H O.

- Vamos ver se você também encontra uma aberração pra beijar teu rosto, Retalho. Enquanto saía do banheiro, o piso era manchado pelo vermelho sangue de Antônia.

Odiai o próximo como a ti mesmo

- E então, decidiu quando vamos poder marcar a retirada dos molares?
- Não sei... talvez em janeiro quando eu tirar umas duas semanas de férias. Nossa, às vezes ser dona do próprio negócio é horrível. As férias simplesmente não existem, sabia? Minhas filhas reclamam todo o ano, mas vou fazer o quê?
- Sei, claro que sei. Eu vivo assim também. E pra piorar ainda atendo gente fim de semana. Ou quando a dor aparece. Não estou reclamando, mas às vezes dá vontade de dizer “toma uma dipirona e me deixa em paz até segunda de manhã”. Ou bebe vodca, sei lá. Só me deixa em paz. [no interfone] Marcelo, vê se o paciente das dez e meia já chegou e pede pra aguardar um pouquinho. [desliga]. Olha, eu passo um trabalho com esses estagiários que você não faz ideia. E esse que é negro?! Por mim eu ficava sem ninguém porque se tem uma coisa que eu odeio nessa vida é preto, ainda mais preto vestido de branco. Pra mim preto vestindo branco sempre é pai de santo. Foda é que eu não consigo fazer tudo sozinho, ligar as máquinas, trocar as peças, colocar avental, luz e tudo isso. Mas podia ser um branco, poxa!
- Acontece. Também tenho vários funcionários negros e eu não posso fazer nada sobre isso. É o que tem, né? Por mim eu jogava um Vanish poder O2 em cima de todo mundo e colocava pra lavar no ciclo longo. Se não lavar, mata. E isso já resolve.
- Resolve nada. É igual erva daninha: dá em qualquer lugar e super rápido, impossível controlar.
- Isso pra não citar pobre e militante chato. O que eu tenho a ver com os cachorros de rua? Na-da. Uma merda esse povo panfletando no sinal, na esquina, em tudo quanto é canto. Se ainda fosse criança eu até prestava atenção. Viu a matéria no jornal sobre a mãe que abandonou o filho numa caixa de papelão?
- Sim! Que mulher horrorosa. Como ela teve coragem de abandonar o próprio filho? Sem coração. Tenho um ódio de gente que tá cagando pra vida alheia, sabia? A criança não fez nada pra ela, não tem culpa da vida que ela tem. Nunca entendi essas pessoas que descontam em gente inocente. Por que não podem simplesmente cuidar da sua vida e deixar que cada um cuide da sua?
- Não, todo mundo tem que dar opinião na vida do outro e impor sua vontade ao outro e na maioria das vezes tá pouco se fodendo pra vida alheia. Inacreditável isso. O papo tá ótimo mas eu preciso ir. Tenho uma videoconferência ao meio dia.
- O mundo está tão cheio de ódio. Parece que as pessoas desaprenderam o que é a compaixão. Horrível, horrível.
- Pois é. Peço pra minha secretária confirmar a próxima consulta, tá? A gente se vê na quinta no aniversário do Paulo.
- Fica tranquila, assim que tiver espaço na tua agenda a gente dá um jeito. Até quinta. Tchau.

Da imagem ao verbo - I



A água está gelada e o vento fino e frio não ajuda o corpo a aquecer. Sem toalhas, a roupa preta cola no corpo molhado de água, sal e arrepio. De costas, cobre o peito, o ventre e a vergonha. É frio, faz frio e tem frio. Não há ninguém agora que possa oferecer um chá ou um café fumegante. Certo estava Bob em esperar na areia fina e macia até que o banho de mar acabasse. “Caralho, tinha certeza que seria uma má ideia”, diria se pudesse.

Da imagem ao verbo - II



Dois segundos. Quanto tempo entre a ideia e a ação? Entre o topo e o chão? Dois segundos.

Viagem

Tem mais de uma hora desde que essa coisa começou e agora tem uma aranha subindo pelo meu braço. Hoje é que dia mesmo? Tem umas duas semanas que eu guardei aquela sobra de pudim na geladeira, será que ainda dá pra comer? Que engraçado, a minha sala tá cheia de fadas voadoras, e elas voam em círculo. Droga, uma me mordeu. HAHAHA sai uma coisa verde da minha pele, que loucura. Merda, preciso parecer normal, daqui a pouco a polícia vai aparecer aqui pra saber o que foi aquele tiro e de quem é esse corpo no meio da minha casa. Eu conheço essa pessoa? Por que o corpo tá cheio de brilho? Eu também estou cheio de brilho! Caramba, que música legal, acho que vou dançar na varanda. Nossa, olha esse vento! Sinto o frescor da madrugada por cada parte da minha pele. É madrugada, não é? Cadê todo mundo? Por que tem um unicórnio no meio da sala? UAU, POSSO MONTAR NELE? Talvez eu não devesse ter misturado tanta coisa... Que borboleta linda! Que cor maravilhosa, parece que brilha. Espero que ela não me engula vivo. Acho que eu vou vomitar. Licença, corpo estranho no chão, preciso chegar ao banheiro. Onde fica o banheiro? Minha mão tá suja de... fuligem? Glitter? Pólvora? Que cheiro estranho. Queimou alguma coisa?

...

Caralho, acho que esse cara tá morto mesmo. E agora? Nossa, me sinto péssimo. Por que eu tomei essas merdas? Tô fodido! Tá cheio de pó, comprimido, garrafas de cerveja em cima da mesa. EU-TO-MUITO-FODIDO.

- Polícia. Abra a porta.

O bordel

Sob as luzes vermelhas,
Êxtase,
Calor.

Gozo quente escorrendo no chão.

Em um copo,
Marcas de batom vermelho,
Gelo, whisky.

O cheiro de suor de uma prostituta depois de um dia de trabalho.

Minha paixão mora
Na casa dos prazeres.

Abre, fecha
Arco e flecha

O perfume que escalava, não mais,
Não teve escolha

Vai e volta
Volta, vai

Sou o único durante 60 minutos.

Se as paredes falassem,
Não se calariam nunca.

Texto coletivo: Priscila Oliveira dos Anjos, Patrícia Espindola Paredes, Gaetan José Santos Daussy, Natan Lucas Tomaz, Thiago Rodrigues dos Passos, Luiza Possamai Kons, Bernardo Froener Castello, Marina de Oliveira Duarte, Fabio Montegutti e Anna Giulia Bianchi Marques.

O inferno

Prefiro o inferno.

Aqui, no oitavo círculo,
Soberanas,
Sobem as labaredas de neve.

Os tentáculos continuam subindo,
Subindo,
Sem fim.

Entre chamas escaldantes,
Sentado no trono,
O diabo

De tutu cor-de-rosa,
Mãos de caranguejo,

Desejo
O tridente grande,
Grosso.

O não lugar atrás dos portões:
Labaredas brilhando feito deusas

Lá,
Onde se escondem as chamas de gelo.

Texto coletivo: Priscila Oliveira dos Anjos, Patrícia Espindola Paredes, Gaetan José Santos Daussy, Natan Lucas Tomaz, Thiago Rodrigues dos Passos, Luiza Possamai Kons, Bernardo Froener Castello, Marina de Oliveira Duarte, Fabio Montegutti e Anna Giulia Bianchi Marques.

O sexo dos anjos

Sempre foi uma mulher de fé. Desenvolveu sua espiritualidade em casa, lendo e se aperfeiçoando. Ao anjo da guarda sempre teve muito apego: sentia-o sempre por perto, inclusive durante o sono a lhe velar. Perguntou-se várias vezes como seria a aparência do seu protetor, se seria uma criatura andrógina, ou até se teria uma aparência humana ou só uma energia sem forma. Por hábito e por fé, recorria ao Anjo quando sentia que precisava de proteção para algum momento difícil que precisava enfrentar.

Depois de um término de relacionamento traumático, Carolina passou meses sem sair com os amigos, sem tentativa alguma de se relacionar com alguém do sexo oposto. Em uma das habituais orações noturnas, acendeu uma vela branca como de costume e pediu ao Anjo que lhe desse um alento, que trouxesse paz e que, se fosse possível e correto na sua vida nesse momento, que intercedesse para que esse lado que havia adormecido nela pudesse voltar a florir.

O barulho da chuva na caixa do ar condicionado deixou-a com sono leve e superficial a ponto de perceber que havia mais alguém dentro daquele quarto. Parado no vão da porta estava um homem alto, pele morena e completamente nu. Atrás dele, alguma coisa fazia sombra do seu ombro até a altura dos joelhos. Sabia: era seu Anjo, seu protetor.

Lentamente ele se sentou no canto da cama. Um imenso par de asas pretas agora encostavam as pontas no chão de linóleo. Hipnotizada, arrastou-se pelo colchão e parou ajoelhada diante dele, fitando aqueles olhos de jabuticaba. Ele cheirava a hortelã e terra molhada. Pouco a pouco ele chegou mais perto e beijou docemente o dorso da mão. “Carolina, eu ouvi você e agora estou aqui. Eu vim te ajudar a retomar a sua vida”

Juntamente com o relâmpago cruzando os céus, pegou-a no colo e deitou na cama. Beijava-lhe os pés de uma maneira que nem sua boca já havia sido beijada antes. Carolina ardia, seu sangue esquentava e o corpo inteiro se derretia. Ele arrastava os lábios pela pele macia, espalhando uma trilha de beijos que a deixavam completamente molhada de tesão por aquele ser absurdo na sua frente. Alguma coisa ali despertava algo que ela não fazia ideia que pudesse existir. “Desse jeito eu vou gozar antes que ele chegue no meu quadril”

A moça prendeu as pernas ao redor dos quadris do Anjo e se entregou ao beijos celestiais. Com calma e força, ela dava mordidas na orelha dele enquanto as mãos tiravam sua camisola, fazendo o tecido leve acariciar e arrepiar sua pele. Beijou aqueles oito – sim, oito – gomos daquele abdômen certamente esculpido pelos Deuses até chegar a parte em que ela mais desejava poder acolher de todas as formas que sabia.

Se algo, no céu e na terra, podia ser chamado de divino era aquele corpo nu. Completamente depilado, ele brilhava com a pouca luz que entrava pela janela. Ela o acolheu dentro da boca como se guarda um objeto precioso e raro, o que não deixava de ser. Porque era o pau mais grosso que ela já tinha visto em dez anos de vida sexual. Poucas coisas são tão boas quanto ter a garganta invadida e sentir lacrimejar. As outras coisas melhores que essa certamente também envolvem uma foda maravilhosa.

Chupou aquele homem com toda a vontade reprimida daqueles meses. Lambia do

começo ao fim enquanto suas mãos passeavam pelo tronco dele, desesperada e ansiosa para que ele fodesse com ela pelo resto da madrugada. A saliva escorria enquanto ela o olhava nos olhos pedindo, por favor, que ele a jogasse na cama e eles pudessem transar feito bicho no mato.

Enquanto ela o chupava, seu quadril rebojava sem parar num vai e vem hipnótico perturbador e ansioso por alguma mordida, lambida, chupada, socada. Qualquer movimento. Qual – quer – um.

Ele entendeu o recado. Segurou-a no colo e prensou seu corpo na parede. A boca devorava com fome seu pescoço, ombro e seios. De tão molhada que estava, ele escorregava para dentro dela com facilidade, fazendo com que ela soltasse um gemido de alívio e prazer enquanto se segurava nos ombros dele suplicando por mais.

Cada estocada os dois gemiam e ela cravava com força as unhas nas costas dele. A cada gemida mútua, as plumas iam despencando das asas e cobrindo o chão como um tapete de gala para aquele espetáculo. Eram as marcas de uma luta feroz e brutal. Dura. Daquelas que quanto mais bate, mais provoca. Daquelas que se tem quando toda a putaria do mundo vem morar em cima da cama.

O quarto ilumina com a trovoada lá fora mais uma vez e dessa vez o ronco é forte. “Caralho!”. Não pode segurar mais. Carolina gozou e gritou alto. Gemeu. Tremeu. Gozou de novo. Mordia o ombro e entrava em desespero.

Estava tão sensível que qualquer toque transitava entre inferno e paraíso. Ele apertava seu corpo e gemia no ouvido com o cabelo dela dando uma volta exata pela mão dele. O comprimento ideal para puxar o cabelo e fazer ela pingar de vontade. Sem muito esforço, Carolina sentiu o corpo se jogar na fúria de um último orgasmo forte, de gritar e chorar, bater pernas em desespero e agonia, deixando o corpo tremendo e um sorriso sacana pendurado no canto da boca.

Junto com aquele urro selvagem de gozo e prazer, ele abriu as asas negras feito breu e dentro do quarto fez-se escuro, pesado, denso, e ela adormeceu. Quando acordou, a chama da vela ainda brilhava com força, alta e sem tremular, simbolizando que o seu pedido tinha sido aceito.

Amém.



Luzes, câmera, redAÇÃO

roteiro cinematográfico



"O DIA EM QUE FAREMOS CONTATO"

Escrito por
MARINA OLIVEIRA

EXT - FAVELA NO MORRO - MEIA NOITE

Som de cachorro latindo, pessoas falando, aparelhos de TV ligados.
Imagens diferentes de coisas acontecendo no morro.

ZOOM:

INT - BARRACO DE ANA MARIA

JOÃO, menino de 8 anos, está sentado no chão de barro assistindo TV. ANA MARIA, 38 anos, mãe de João, está na frente do fogão esquentado uma mamadeira para a filha mais nova, que está em seu colo.

Som de alguma reportagem policial na TV. Começa barulho de explosão. João e Ana Maria olham através da janela e veem faíscas na parte alta do morro.

ANA MARIA

(gritando para a vizinha do barraco)
Judite, ouviu isso? Vai explodir de novo.

JUDITE

(gritando, sem aparecer na tela, apenas voz)
Ouvi nada, mulher. Tá doida?

ANA MARIA

(gritando)

As faíscas mulher. O poste. Vamo ficar sem luz de novo, quer ver?

JUDITE

(gritando)

Não tem nada, doida. O Pedro arrumou outro dia isso aí.

ANA MARIA

(gritando)

Não vou teimar contigo porque não é a tua filha que não dorme no escuro. Olha a menina aqui pra mim que eu vou lá dar uma olhada nesse poste.

Ana Maria desliga o fogão e coloca a filha no berço.

JOÃO

(para a mãe)

Vou junto.

ANA MARIA

Não vai não, moleque. Fica aí.

Ana Maria limpa a mão num pano e sai. João coloca o chinelo, desliga a TV e sai atrás dela.

EXT - FAVELA NO MORRO - NOITE

Barulho de pessoas conversando. Má iluminação. Ana Maria sobe o morro resmungando. Percebe que está sendo seguida, pára e se vira para trás.

ANA MARIA

(para João)

Guri teimoso! Não mandei tu ficar em casa?

JOÃO

Mas você pode precisar de mim, mãe. Eu sou homem. Posso ajudar.

ANA MARIA

Tá, mas me obedece, entendeu? Não enconsta em nada sem eu mandar. Quando a gente chegar em casa a gente conversa pra eu te dar um castigo.

Ana Maria e João continuam subindo de mãos dadas. Passam dois cachorros correndo.

EXT - FAVELA NO MORRO - NOITE - TOPO DO MORRO

O lugar não tem barraco ou qualquer construção. Alguns moveis e eletrodomesticos descartados pelo chão. No meio do quadro, silhuetas humanas estão de pé em círculo. Ana Maria vê e coloca João escondido atrás dela, para protege-lo.

ANA MARIA

Quem tá aí? Pedro? Veio ver o poste? Teve explosão de novo, né?

Ana Maria sobe mais três passos. As silhuetas (são cinco) viram de frente para Ana Maria. Ana Maria grita de susto e cai, derrubando João no chão.

As silhuetas agora são seres de formas humanas, porém de pele branca, sem dedos nos pés ou nas mãos, olhos brancos e sem roupa alguma, também sem sexo. João arregala os olhos e abre a boca. Parece achar emocionante.

CRIATURA 1

Desculpa. Não quis assustar. Nem sabíamos o que teria pora aqui. Só viemos porque tinha uma energia muita grande saindo daqui, e aqui é o ponto mais próximo que pudemos chegar. Alta mesmo essa colina. Desculpa mesmo pelo susto. Olha, vou me manter bem aqui. Não vou me mexer. Promessa. Pode ficar de pé se você quiser.

ANA MARIA
(ainda no chão)

Q-quem ou o que são vocês?

JOÃO

(puxando a blusa da mãe para que ela olhe pra ele)
São ETs, mãe. Igual aqueles do desenho. Eu já vi. Tem arma laser e tudo. Alguns são do bem e outros do mal. Esses são do bem, mãe?

CRIATURA 2

Somos de outro planeta sim, se é isso que você está dizendo. Viemos para a Terra porque nossa casa e muitas outras pela Galáxia estão na guerra. Não temos armas nenhuma. Viemos em paz. Tivemos que vir embora e esse aqui é o ninho da paz. Tudo está desmoronando, caindo, e aqui ainda tem sorriso e alegria.

João fica em pé depressa.

ANA MARIA
(fica em pé devagar)

Tá de brincadeira né? Pra começar podem tirar essa fantasia que [pausa. voz hesitante] não me enganou nem um pouco. Até parece que com tudo que tem aqui que isso aqui tem paz. Morre gente todo dia, cai barraco, some gente. Me poupe! João, desce lá pra casa AGORA.

JOÃO

Para, mãe. É melhor que TV isso aqui. Eu to quieto, não coloquei a mão em nada como a senhora pediu.

CRIATURA 2

Imagino que seja difícil acreditar, mas peço que fazer um esforço e pense se você nunca imaginou se em todas as estrelas não existiria mais alguém em alguma lugar. Também, como já disse, não vamos causar mal algum. Nós também fugimos de um lugar que nos expulsou, como vocês aqui do morro.
A única coisa que procuramos é paz.

ANA MARIA

Isso não faz o menor sentido. Agora os planeta tudo falam brasileiro, é? Sério. Acabou a brincadeira. Zé, se for tu aprontando essa comigo tu vai ver só. Vou contar pro teu pai que tu vai levar uma coça de criar bicho. Tu e esses teus amigo só inventam essas coisa pra cima dos outros. Respeito que é bom tu não tem. Tu vai ver só quando eu encontrar teu pai.

JOÃO

Mãe, eles são mega inteligentes. Ou esses nem tanto porque tão falando tudo errado, mas eles lêem até a cabeça da gente. Mãe, tu não olha filme?

CRIATURA 1

Na verdade já tentamos vários outras contatos, mas fomos ignorados quase todos as vezes. Algumas poucas pessoas aceitaram e foi assim que aprendemos o seu idioma, assim como outros da Terra e de outros planeta. E aí, ensinamos uns aos outros.

ANA MARIA

(brava)

Ó, acabou minha paciência já. Pode parar o showzinho, essa historia idiota aí. Não tem mais nada pra fazer, não? Tarde da noite e cês aí estragando a energia dos outro. Só porque não é o poste do barraco de vocês, né. Coisa idiota.

Ana Maria olha para João e segura firme no braço dele.

ANA MARIA

João, vamo pra casa que tua irmã fiicou sem comida. Arruma o poste aí que se acabar a luz eu volto aqui e bato em todo mundo.

João tira a mão da mãe do seu braço e olha feio para a mãe. Murmura alguma coisa. Ana dá um tapa no ombro do menino.

JOÃO

Dói, mãe. Tem visita, não me bate na frente das visita. E isso aí não é os guri, não. É ET de verdade. Vamo levar eles lá pro barraco, a Janete não vai acreditar.

Ana sorri pensando na reação da vizinha fofoqueira.

JOÃO

Aí eu não fico mais sozinho em casa, mãe. A senhora pode sair sossegada que eu e a mana temo ajuda o tempo todo. (diminui o tom de voz) Mãe, o que eles comem? Eles vão pra aula? Precisa, né?

CRIATURA 1

Imagino que tenham muito mais perguntas e nós também precisamos saber muito sobre vocês e a vida aqui, mas não vamos ficar agora. Temos que ir, ainda tem muita pra trazer pra cá. Só precisávamos ter certeza do caminho.

Os extraterrestres fazem um círculo e abaixam a cabeça. Vão diminuindo de tamanho até virar uma bola brilhante e sumir num clarão. Ao fundo fica só o som de grilos, cachorros latindo, pessoas falando e aparelhos de rádio e TV ligados [mesmos sons da cena inicial].

FIM

(inspirado na Música homônima de Lenine e Braulio Tavares)

Biografia



Marina de Oliveira Duarte, nascida no município de Tijucas/SC em 19 de novembro de 1993, dia da bandeira do Brasil. Filha de Nelson Zunino Duarte, professor universitário, e Josiane de Oliveira Duarte, empresária. Ingressou na faculdade de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina em 2011 e talvez se forme um dia. Trabalha com fotografia, texto e vídeos *freelancers*.

Antes de começar a faculdade de jornalismo, cursou Biomedicina na UNIVALI em Itajaí.

Sente falta e pensa em voltar a cursar um dia.

Aos 11 anos ganhou um concurso de poesia sobre o tema “Violência contra a criança e o adolescente”. Dali, achou que talvez pudesse mesmo ganhar dinheiro com a escrita. As pessoas aos onze anos são cheias de ilusão.

Marina, morena, Marina. No nome já tem música e poesia. De poesia, ainda tenta extrair algum material possível. De música nem tenta. Diz que não ter a menor coordenação motora. Ainda acha um mistério como consegue dançar forró, bellydance ou tango (sério!).

Além de vários outros escritos espalhados por aí, possui um blog para falar sobre sua doença, a Fibrose Cística (www.eueafibrosecistica.blogspot.com.br), para manter os amigos atualizados sobre o seu estado de saúde e para ajudar outros portadores e amigos a compreender melhor, ter um suporte para as barreiras que surgem no caminho e para reclamar dos enfermeiros e enfermeiras que insistem em pedir para não chorar.